

JOGOS DA VIDA

Leilac Leamas

© 2024 OCTÁVIO VIANA | SILENT PEN ®
JOGOS DA VIDA

Publicado nos EUA e UE
Primeira impressão 2025 (1.^a Edição)
Referência Interna SP2025.003 | 17.02.2025 | 20:05
silentpenltd@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto no caso de breves citações incorporadas em análises críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei dos direitos de autor.



*Para os Jogadores da Vida,
Não Simples Peças no Tabuleiro*

Este livro é dedicado aos estrategistas do próprio destino, aos que se recusam a ser apenas movidos pelo acaso. Aos que enfrentam os desafios como quem encara uma jogada decisiva, calculando riscos, mas nunca temendo avançar. Aos que sabem que perder uma rodada não significa perder o jogo e que cada queda é apenas um novo movimento em direção à vitória.

Aos que jogam com paixão, com coragem, e com a certeza de que a vida pertence a quem ousa participar – e não apenas assistir.

Prólogo

Costuma-se dizer que, em círculos de poder, o silêncio pode ser tanto uma arma como um escudo. Eu descobri isso na prática. À superfície, sou apenas um consultor financeiro que circula pelas empresas, a fechar acordos e a vender conselhos. No entanto, por detrás dessa fachada, movo-me num tabuleiro de complexos jogos de vida, onde cada jogada oculta um propósito e cada gambito pode prenunciar a ruína de alguém.

Há um homem a quem chamo Nemesis—um rival, talvez até um reflexo do que eu poderia ter sido noutras circunstâncias. A nossa hostilidade nasceu durante a queda de um colosso das telecomunicações, tanto em Portugal como no Brasil. Ele foi um dos artífices da derrocada; eu, o seu obstáculo principal. Cicatrizes mútuas ficaram por sarar e, desde então, ele alimenta uma vingança fria, servindo-se de tudo para me desestabilizar. Às vezes, colaborávamos quando lhe convinha—mas, no fundo, sempre senti o peso do seu rancor a cada jogada, até ao ponto em que passou a ser mais uma carta descartada no grande jogo da vida.

Por isso, mantenho vários refúgios espalhados, os meus portos de abrigo discretos, as minhas casas seguras. Há um recanto no Alentejo, uma casa caiada de branco, que me oferece noites tranquilas, onde só o vento se faz ouvir entre as oliveiras. Palermo guarda uma outra casa discreta que me deixa perder no labirinto das ruelas e, por breves momentos, esquecer os jogos de poder. E a Toscana... a Toscana é o meu pedaço de sonho, onde o aroma do

vinho e do pão fresco me lembra que a vida é mais do que conspirações e dívidas antigas.

Só que a tranquilidade nesses lugares é sempre fugaz. Experimentei isso na Sicília, quando visitei uma casa encantadora em Scopello, à beira de um mar tão azul que quase doía olhar. Durante uns minutos, acreditei que ali encontraria a paz que tanto me escapa. Então, fui surpreendido por algo mais... sinistro.

Mas, embora as ameaças destes jogos corporativos me pesem e cada acordo possa ser um passo em falso, o que verdadeiramente me atormenta é algo mais simples e, ao mesmo tempo, mais profundo. Uma falta que faz com que cada casa deixe de ser um lar e volte a ser apenas um esconderijo. E percebo que, apesar de toda a adrenalina que o meu mundo traz, sem o perfume dela ao meu lado, sem o riso que inundava cada amanhecer, cada vitória sabe a pouco.

Por isso, a minha maior aposta não é um contrato milionário nem uma estratégia para travar os meus adversários corporativos. É a procura de quem me falta, a vontade de abrir uma porta que sempre mantive fechada. Cansei-me de viver entre máscaras e subterfúgios, de ser um peão no meu próprio jogo de xadrez. Desta vez, quero arriscar tudo por algo que não se compra, não se vende e que nenhuma vingança pode derrubar: quero recuperar o amor que deixei escapar e sentir que, no meio de todas as conspirações, ainda é possível viver sem medo de me perder.

Se isso significa romper com a teia das minhas defesas e enfrentar as consequências de peito aberto, que seja. A vida acontece verdadeiramente fora das paredes que erguemos. E, se há algo que aprendi, é que as batalhas mais difíceis nem sempre se travam em tribunais ou conselhos de administração, mas nos nossos próprios corações. É lá que reside o real campo de batalha. E, desta vez, não quero perder...

1

Contragambito Albin

Maiorca, Espanha

Uma mensagem sinalizou o meu ProtonMail, um serviço com forte criptografia de ponta a ponta, baseado na Suíça, conhecida pelas suas rigorosas leis de privacidade. As palavras do *email* foram compostas com o cuidado meticuloso de uma aranha a tecer uma teia que era tanto um convite como uma armadilha. Propunha um jantar no pitoresco El Olivo, um restaurante de luxo do Hotel La Residencia, onde a elegância e a *nonchalance* se encontravam. Aquele não era um simples jantar, mas uma missão secreta disfarçada nos trajes de uma *soirée* social e uma astuta manobra de *marketing*.

Maiorca era agora o meu destino e a minha agenda.

O mandato era cristalino: assegurar o apoio de um fundo de investimento para destronar uma companhia aérea europeia. Uma peça-chave no tabuleiro de xadrez, um cidadão suíço, estaria acompanhado por uma mulher italiana no jantar e na festa subsequente. Eles permaneceriam na ilha por vários dias. A minha tarefa era infiltrar-me no seu círculo e garantir o seu apoio financeiro para determinadas atividades públicas e altamente escrutinadas.

A logística foi meticulosamente organizada. O Fiat 500 elétrico era ideal para circular pelas pitorescas estradas de Maiorca,

enquanto a Vespa proporcionava um toque de charme italiano que a Camilla certamente apreciaria. O barco, um modelo elegante e luxuoso, estava reservado para encontros mais íntimos, caso surgisse a oportunidade. Poderíamos então discutir negócios longe de olhares curiosos, rodeados pelo *glamour* e pelas águas cristalinas de Maiorca.

Nos dias antes da partida, a minha vida tornou-se um turbilhão de precisão e estratégia. Eu adotaria uma nova pele para esta mascarada, criando uma *persona* polida à perfeição, capaz de se fundir com o tecido abastado da alta sociedade sem mostrar uma única costura.

Mergulhei nas profundezas dos mundos dos meus alvos. Heinrich Baumann, um titã na arena financeira, enriquecia a sua vida com os despojos de leilões de arte e *vintages* raros. A Camilla Ricci, uma sereia de seda e filantropia, flutuava por noites de gala e *puzzles* culturais. Os seus perfis—digitais e reais—eram as minhas escrituras.

A Toscin e a minha equipa, planearam cuidadosamente a nossa operação. Eu iria apresentar-me como um enviado cultural, retratando tanto um escritor de espionagem e ficção erótica, como um defensor dos direitos dos consumidores com ligações profundas à Comissão Europeia. Isso proporcionava-me a cobertura perfeita para me infiltrar na festa exclusiva. Cuidadosamente selecionei o meu guarda-roupa, cada peça uma escolha projetada para ocultar as minhas verdadeiras intenções.

Circular por Maiorca exigia mais do que um mero transporte; requeria um conhecimento íntimo da sua paisagem. Estudei cada viela e refúgio, memorizei o menu do El Olivo, preparando-me para deslumbrar com acuidade culinária ou entrelaçar a minha narrativa nos sabores partilhados à nossa mesa.

Diálogos contínuos com a Toscin garantiam que nenhum detalhe era negligenciado. Criámos uma rede de possibilidades, cada cenário uma sequência de jogadas no grande tabuleiro de xadrez dos nossos objetivos. Ensaíamos entradas e saídas, a dança de um operativo a desempenhar um papel num palco preparado para altos riscos, comportamentos desenhados para não levantar suspeitas.

A voz da Toscin ganhou vida através da linha criptografada do meu Bittium Tough, um telemóvel conhecido pelas suas características de segurança. O cartão SIM, especificamente desenhado para prevenir o rastreamento e as escutas, assegurava que a nossa conversa permanecesse um sussurro fantasmagórico no mundo digital.

“Ei, tens vivido debaixo de uma pedra ou quê?” Perguntou ela, saltando as formalidades como de costume. “Tenho o teu voo marcado numa *low-cost*—sem luxos, para que a tua viagem passe o mais despercebida possível.”

Sorri, recordando as inúmeras vezes que partilhámos segredos ao longo dos anos. As nossas trocas tinham-se tornado tão casuais e diretas que muitas vezes pareciam mais brincadeiras do que discussões sérias. Ri baixinho, os meus olhos a percorrerem o *dossier* espalhado na minha secretária.

“Como está o esconderijo?”

“Ratxó Retreat. Silencioso, afastado—perfeito para os teus *rendezvous* e sessões de planeamento. Estás escondido de Deià e dos narizes elegantes do Hotel Belmond La Residencia.”

“Isso serve, Toscin. É bom estar longe de olhares curiosos. E o carro e a Vespa?”

“Tudo alinhado,” ela confirmou. “O Fiat para as tuas viagens diárias e a Vespa para aquele charme local—imagina-te, a ziguezaguear como uma estrela de cinema italiana, mas, menos dramático.”

O meu riso foi um murmúrio suave. “E o iate? É lá que a magia precisa acontecer.”

“Garantido e abastecido. É elegante, discreto—o cenário perfeito para a tua pequena dança de sedução com a Camilla e o Baumann. E não te preocupes, a Paloma está a par do enredo. Ela desempenhará o seu papel.”

“Ótimo,” refleti, já a analisar os ângulos. “Ela é o toque de pincel na nossa pintura, precisa de se integrar perfeitamente.”

“Exatamente. E ela é astuta, Leilac. Tem uma boa cabeça sobre os ombros. Falei com ela ontem para acertar os detalhes. Vão fazer um par convincente,” acrescentou a Toscin, com aprovação evidente no tom de voz, mas também com um toque de provocação.

Senti um calor espalhar-se por mim, um traço dos anos e das milhas que tínhamos navegado juntos. “Obrigado, Tosc. Sei que tens a logística controlada, mas mantém os olhos abertos. Estamos a passar um fio pela agulha.”

“Não o faço sempre?” A voz dela era leve, mas as palavras eram de aço. “Ouve, está tudo encriptado, fora do registo, fora do radar. Eles não te vão ver a chegar. Vais aparecer apenas quando tiveres de aparecer e em grande estilo, com a Paloma.”

Acenei com a cabeça, encorajado pela sua confiança. “Mantém as luzes acesas em casa, ok? E Toscin—fica segura.”

“Fico sempre. Faz o mesmo. E... Leilac!” Ela parou, a linha zumbia silenciosa.

“Sim?”

“Dá-lhes cabo do canastro. Metaforicamente, claro.” O riso dela era um crepitar de folhas secas, um som que me aquecia contra o frio da minha tarefa.

“Claro,” respondi, com um sorriso ligeiro nos cantos dos lábios.

Terminámos a chamada, o zumbido da linha desapareceu no silêncio. A missão aguardava, banhada no brilho dourado de Maiorca, uma terra que prometia perigo mas também prazer. Era um tabuleiro de xadrez de armadilhas ensolaradas e oportunidades sombreadas, onde cada movimento contava. Ali, no meio do calor de julho, nós—juntamente com a Paloma—mostraríamos a nossa mestria ou sacrificaríamos o nosso primeiro peão no gambito inevitável.

Aterrei no aeroporto de Palma de Maiorca à meia-noite e vinte minutos. Mesmo a essa hora, os turistas enxameavam como abelhas ao redor do mel. A única *rent-a-car* aberta era a Ok Mobility, onde aluguei um FIAT 500 elétrico, branco gelo.

Enviei uma mensagem à Toscin: “aterrei, já a caminho.” Outra para a Paloma: “30 minutos e chego.”

A viagem do aeroporto até ao hotel Ratxó Retreat levou meia hora. O motor elétrico do FIAT zumbia suavemente enquanto eu percorria as estradas, através de olivais e amendoeiras. Parecia que estava a fugir do mundo, com a lua a lançar um brilho prateado sobre a paisagem serena.

Ao entrar na Reserva Park, a estrada estreitou-se num caminho pavimentado que serpenteava por uma floresta densa. Árvores altas erguiam-se silenciosas e os arbustos crescidos e as ervas selvagens transportavam o aroma da noite mediterrânica. Era isolado, pacífico—um refúgio perfeito.

O Hotel Ratxó Retreat apareceu como um oásis mágico, onde os seus edifícios de pedra brilhavam calorosamente contra a noite. A piscina cintilava como uma safira sob o céu estrelado e os caminhos iluminados por lanternas criavam uma atmosfera convidativa. Era um lugar desenhado para momentos românticos e relaxar.

A Paloma estava à entrada e a sua silhueta era uma sombra delicada contra a pedra iluminada. Vestia um vestido branco, simples mas elegante, com o cabelo escuro a cair-lhe sobre os ombros. Os seus olhos, intensos, acolheram os meus com um brilho sorridente.

“Conseguiste,” disse ela, com a musicalidade do seu sotaque espanhol.

“Claro,” respondi, saindo do carro. “Não perderia isto por nada.”

Ela sorriu. “Como foi o voo?”

“Longo, tedioso e cheio de crianças a gritar. Mas a viagem até aqui compensou.”

Ela riu-se suavemente, como uma brisa gentil a agitar as árvores. “Vamos, entremos. Temos muito que discutir.”

“Amanhã. Agora, só quero um bom duche e uma cama confortável. Estou exausto,” disse.

Caminhámos pelos terrenos do hotel com a luz suave a guiar-nos. No interior, o átrio era uma mistura de charme rústico e elegância moderna. Paredes de pedra, vigas de madeira e móveis luxuosos criavam um ambiente acolhedor e refinado.

O nosso quarto oferecia a combinação perfeita de calor tradicional e conforto contemporâneo. Grossas vigas de madeira escura seguravam o teto, acrescentando calor e caráter. As paredes pintadas de branco criavam um fundo limpo e brilhante, enquanto os ladrilhos de terracota davam um toque tradicional mediterrâneo. O centro do quarto era uma grande cama de dossel com um véu branco e roupa de cama de linho de alta qualidade. Uma área de

estar confortável com duas poltronas e uma mesa de café convidava a relaxar.

“Um quarto e uma cama?” Perguntei.

“Sim. Lembra-te, somos um casal,” respondeu a Paloma, a sorrir.

“Vamos dormir na mesma cama,” respondi.

“Sim, mas se preferires, há o chão ou as poltronas,” riu-se.

“A Toscin, sempre a controlar os custos. Esta é a Suíte Junior Singular. Eles têm uma com piscina privada—maior e mais fixe,” lamentei.

“Vá lá, isto é mesmo fixe,” disse ela, acrescentando, “e depois, mudamos para o Belmond.”

“Temos jantar lá,” respondi.

A Paloma inclinou-se para a frente, “então, a Toscin contou-te tudo?”

“Não tudo,” disse, afundando-me numa poltrona e cruzando as pernas. “Mas o suficiente para saber que estamos em apuros. Esta cadeira é confortável; poderia dormir aqui.”

Ela acenou com a cabeça e com um sorriso irónico a brincar nos seus lábios. “Apuros é um eufemismo. Estamos no meio de um jogo de xadrez e cada movimento conta. Podes dormir aí se quiseres.”

“Quem é o rei neste jogo?” Perguntei, levantando uma sobrancelha.

“Essa é a questão, não é?” Ela respondeu. “Somos todos peões até descobrirmos.”

Não pude deixar de rir. “Peões com delírios de grandeza.”

“Exatamente,” disse ela, com o sorriso a alargar. “Mas os peões podem tornar-se rainhas, dadas as circunstâncias certas. Mas nunca reis.”

Levantei-me da cadeira, desfiz as minhas malas e conversei com a Paloma. O meu objetivo era um duche relaxante. A noite ainda era jovem e o ar de verão de Maiorca quente e perfumado, prometia descanso e sonhos entrelaçados com os pensamentos do dia.

Deitado na cama, sob os lençóis macios, os meus olhos percorriam a suíte acolhedora. O teto com vigas de madeira escura, tão típico de Maiorca, pairava sobre mim. À minha esquerda, através das persianas parcialmente abertas, vislumbrei a casa de

banho. A Paloma estava a tomar banho e o seu corpo nu e bronzeado era uma visão através do vidro. O seu cabelo escuro caía pelas costas como uma cascata de água. A porta aberta da casa de banho convidava-me a entrar e juntar-me a ela, mas naquele momento, eu estava contente apenas em apreciar a vista. O quarto parecia uma bolha intemporal, um casamento perfeito entre a elegância rural e a sofisticação, onde os azulejos de terracota encontravam as paredes brancas numa dança mediterrânica.

O som da água cessou e a Paloma emergiu, envolta numa toalha branca e outra a turbanar o cabelo. Movia-se com uma elegância descomplicada, daquelas que faziam o meu coração bater um pouco mais forte.

“Estás acordado? Dormiste bem?” Perguntou ela.

“Como um bebé,” respondi, esticando-me languidamente. “E tu?”

“Infelizmente, sim,” ela suspirou.

“Infelizmente?” Levantei uma sobrancelha, confuso.

“Sim. O meu novo marido ignorou-me a noite toda, mesmo quando me vesti com a minha *lingerie sexy*,” disse ela, fazendo beicinho dramaticamente.

Eu ri, abanando a cabeça. “Estás a falar do teu pijama? Isso não era *lingerie*, apesar de ser bonito. E tenho de admitir, era *sexy*.”

“Estou a interpretar o meu papel, homem. E precisamos de discutir isto melhor. Já estudei o Baumann, mas não a Camilla. E tu?” Ela perguntou, com o tom a mudar para negócios com uma aresta brincalhona.

“Mais ou menos. Ela é italiana,” disse eu, saindo da cama e esticando-me novamente, sentindo o puxão dos músculos que ansiavam por descanso.

“Ela é mesmo bonita,” disse a Paloma.

“A Toscin enviou-me um *résumé* em PDF. Abri no meu telemóvel, mas as imagens não carregaram bem. Por isso, não sei quem ela é, mas não importa. Daqui a uns dias, verei, e se necessário, improvisarei. Isto é Maiorca,” respondi, caminhando em direção à janela. A luz da manhã filtrava-se pelas persianas, lançando um brilho quente no quarto. “E Paloma, terminei recentemente uma relação, por isso não me pressiones demasiado.

Na verdade, se isso não tivesse acontecido, podes ter a certeza de que na noite passada, aquele copo de vinho depois do meu banho teria se transformado numa noite em que não poderíamos dormir.”

“Promessas,” ela riu.

Virei-me para ela, absorvendo o seu sorriso radiante, e senti uma pontada de algo que não conseguia identificar. “Vou dar um mergulho na piscina. Encontro-te ao pequeno-almoço.”

Ela acenou com a cabeça e com um brilho provocador nos olhos. “Não demores muito. Posso encontrar outra distração.”

“Boa sorte com isso,” eu sorri, dirigindo-me para a porta. “Sabes, fazes-me lembrar a Cleópatra, a seduzir o António longe dos seus deveres. Só não comeces uma guerra no processo.”

“Só se trouxeres o Egito de volta,” ela respondeu, com a risada dela a seguir-me enquanto me dirigia para a piscina.

A água estava fresca contra a minha pele, lavando os últimos resquícios do sono. Flutuei de costas, olhando para o céu azul, pensando nos dias que viriam. O sol subia mais alto e eu sabia que seria outro dia abrasador. Maiorca em julho era sempre escaldante.

Pensava na Camilla, a beleza desconhecida cujo nome agora fluuava nas nossas conversas. A Toscin tinha um talento especial para encontrar as pessoas certas. A menção do Baumann pela Paloma não me passou despercebida. Mesmo que estivéssemos a falar de diferentes Baumanns, pensei em Zygmunt. As teorias de Zygmunt Baumann sobre a modernidade líquida sempre me fascinaram—a forma como as relações, identidades e ligações globais eram fluidas e em constante mudança. Era uma metáfora apropriada para o mundo que vivíamos.

Ao sair da piscina, enxuguei-me e voltei para a suíte. A Paloma já estava vestida, um vestido de verão leve a aderir-lhe em todos os lugares certos. Ela olhou por cima do telefone, com um sorriso a brincar nos lábios.

“Pronto para o pequeno-almoço?” Ela perguntou.

“Sempre,” respondi, vestindo uma camisa. “E depois disso, vamos falar sobre o plano. A Camilla, o Baumann e tudo pelo meio.”

“Combinado,” ela disse, passando o braço pelo meu enquanto saíamos. “Mas primeiro, vamos aproveitar a manhã. Afinal, estamos no paraíso.”

Uma hora antes do pôr do sol, chegámos ao Le Olivo. O cenário era simplesmente mágico. O sol pendia baixo no céu, lançando um brilho dourado e quente sobre o terraço pavimentado com pedra. A brisa da noite era agradavelmente fresca, transportando o suave farfalhar das oliveiras que ladeavam a área do jantar, com as suas folhas a cintilarem suavemente na luz que desvanecia.

“Leilac, este lugar é um postal,” disse a Paloma, enquanto nos sentávamos. As cadeiras de metal com encostos curvos e ornamentados, com *coussins* beges, eram um toque encantador, combinando a estética rural com a elegância da nossa mesa. Linhos brancos impecáveis, copos de vidro delicados e o murmúrio subtil das conversas preenchiem o espaço ao nosso redor.

“Pergunto-me se o Baumann e a Camilla vão chegar a tempo de apreciar este magnífico pôr do sol,” respondi, com um toque de sarcasmo nas palavras. O casal que estávamos ali para observar ainda não tinha chegado e a ironia da nossa situação não me escapava.

“Talvez seja aquela atrasado estiloso,” sugeriu a Paloma com um sorriso irónico. Os seus olhos brilhavam sob a luz dourada e eu não podia deixar de ser atraído pela sua elegância natural. O seu vestido, uma peça de seda fluída, movia-se com a brisa e completava a tranquilidade do ambiente do restaurante.

O pessoal movia-se graciosamente entre as mesas com movimentos quase coreografados. Era como assistir a um *ballet* bem ensaiado, com cada passo intencional e fluido.

O nosso empregado de mesa chegou, com um comportamento tão polido quanto os copos da nossa mesa.

“Gostariam de começar com um pouco de vinho?” Perguntou, o seu sotaque espanhol dava-lhe uma autenticidade distinta.

“Algo local, por favor,” disse, lançando um olhar para a Paloma à procura da sua aprovação. Ela assentiu, o seu sorriso nem vacilou.

À medida que o empregado se afastou, a Paloma inclinou-se mais para perto. “Leilac, já pensaste em como vamos entrar na festa desta noite?”

“Vamos jogar o jogo,” disse eu em voz baixa, acrescentando depois, “vamos tornar-nos tão desejáveis que eles nos convidarão.”

“Como?” Ela perguntou.

“Fácil, já és desejável,” disse eu, piscando-lhe o olho.

A expressão da Paloma suavizou-se. “Passámos os últimos dias a planear esta noite, e...”

Estendi a mão sobre a mesa, pegando na dela. “Paloma, na verdade não precisávamos de planear nada para esta noite. Não precisávamos desses dias em Ratxó. Esta missão é fácil, nada de especial. Passámos esses dias apenas para nos aprofundarmos nas personagens que vamos assumir... O Baumann e a Camilla devem estar a chegar a qualquer momento.”

Como se por sinal, o casal que estávamos à espera apareceu, com a sua presença a cativar imediatamente a atenção. O Baumann, alto e imponente, exalava uma aura de autoridade, enquanto a Camilla... bem, a Camilla.

“Ei, não os olhes assim,” a Paloma sussurrou, os olhos ligeiramente estreitados enquanto os observava de relance.

O Baumann e a Camilla foram conduzidos a uma mesa não muito longe da nossa, a sua chegada misturava-se perfeitamente com a sofisticação da noite. À medida que se acomodavam, não pude deixar de me sentir... atónito, espantado, estupefacto!

“Ela é igual à Mariangela!” Pensei. “Parece a sua gémea.”

Observei-a enquanto ela ali estava, os seus olhos verdes, como jade apanhado à luz do sol, penetraram a névoa da minha memória, lembrando-me a Mariangela. A sua pele, bronzeada após incontáveis dias sob um sol impiedoso, retinha o calor de verões longínquos. O seu cabelo loiro, intercalado com madeixas castanhas naturais, fluía em ondas suaves, captando a luz e brilhando como ouro fiado—tão reminescente da Mariangela. As suas pernas, que pareciam estender-se para sempre, eram tonificadas e elegantes, carregando-a com a elegância sem esforço de uma dançarina. Os ângulos do seu rosto, agudos mas suaves, enquadravam uma beleza tão marcante e genuína quanto uma gema rara. Ali estava a Camilla, uma imagem espelhada que ostentava outro nome, ao lado de outro homem. E ali estava eu, mudo.

“Achas que eles vão notar-nos?” Perguntou a Paloma, a voz mal audível.

Fiquei mudo.

O empregado de mesa voltou com o nosso vinho, servindo-o com um floreio.

“Para uma bela noite,” disse eu, erguendo o meu copo num brinde.

Brindámos, o som era um delicado sino que ecoava no crepúsculo.

“Para uma bela noite,” repetiu a Paloma, “e para a nossa missão,” acrescentou.

À medida que as primeiras estrelas começavam a aparecer no céu que escurecia, não conseguia abalar a sensação de que estávamos à beira de algo monumental. O jogo estava em jogo e cada movimento a partir daqui moldaria o nosso destino. A impressionante semelhança da Camilla com a Mariangela só intensificava o momento. À medida que a noite se desenrolava, dirigimo-nos para a pré-festa no bar do hotel. Tendo já trocado olhares com a Camilla—talvez demasiados—cada uma das suas respostas parecia mais intensa do que a última. Estava pronto para desempenhar um papel muito além do que me fora atribuído.

Enquanto observava a Paloma a executar os nossos planos meticulosamente delineados, pensava sempre na Mariangela—uma semelhança com a Camilla despertava isso em mim. O bar da esplanada do hotel, onde então nos encontrávamos, estava imerso no tipo de calma opulenta que só lugares intocados pelo tempo podem oferecer.

A Paloma, com a perspicácia de uma estrategista, tinha retirado o tabuleiro de xadrez do *lobby* principal e colocado-o entre a entrada da esplanada e um muro baixo de pedra com vista para a aldeia. A luz da lua derramava-se sobre ela, iluminando as peças de xadrez que ela arranjava meticulosamente—uma configuração em d4 e d5 que parecia um desafio ao destino.

Ela olhou para mim antes de focar a sua atenção no tabuleiro.

Como planeado, o Baumann apareceu, o seu caminho em direção à Camilla foi interrompido pelo que parecia ser um deslize desajeitado da Paloma—um peão caiu no chão. O som que fez ao atingir a pedra parecia anormalmente alto no silêncio momentâneo que se seguiu.

Ele parou, desviando a atenção do tabuleiro para a Paloma e depois para a peça no chão.

O Baumann inclinou-se, recolheu o peão, tudo com movimentos notoriamente calculados, como se cada ação fosse parte de um jogo maior. Entregou-o à Paloma, com os seus olhos a estreitarem-se ligeiramente em reconhecimento—ou seria admiração?

“O Gambito de Rainha,” ele comentou.

“É tudo sobre sacrifício,” respondeu suavemente a Paloma, numa frase cheia de estratégia e subtexto. O seus dedos deslizaram levemente sobre o tabuleiro, com o seu toque quase reverente enquanto colocava o peão de volta no seu lugar.

O Baumann riu-se, um som que parecia ressoar do fundo do seu peito. “De facto, é,” disse ele. “Um movimento ousado, sacrificar um peão para obter maior controle. Uma metáfora para a vida, talvez?”

“Ou talvez seja uma lição de futilidade,” retorquiu a Paloma, com o olhar fixo no dele. “Às vezes, o sacrifício é muito maior do que o ganho. Por favor, sente-se—preciso de alguém para jogar comigo, já que o meu parceiro habitual não está disposto a fazer os sacrifícios necessários.”

O Gambito da Rainha é, de facto, um movimento ousado em que os brancos sacrificam imediatamente um peão para controlar o centro do tabuleiro e forçar o jogo para a frente.

A Paloma sorriu, observando o Baumann a mover um peão preto para e5 em resposta—um movimento agressivo e audaz.

“Um Contragambito de Albin. Uma espada de dois gumes,” observou ela. “Certamente elevou o jogo.”

Afastado da intriga do xadrez, aproximei-me da Camilla que estava na esplanada, com um Negroni para mim e uma Aperol Spritz para ela.

“Parece que fomos abandonados,” notei, acenando para a Paloma e para o Baumann absortos no jogo deles.

“A sua mulher é deslumbrante. Realmente *bella*,” comentou a Camilla, aceitando a bebida com um sorriso caloroso.

“Obrigado, mas a Paloma é apenas uma amiga,” clarifiquei, mostrando subtilmente a minha mão, livre de qualquer aliança de

casamento, momentaneamente afastando-me dos papéis que tínhamos planeado. “E então? Está a gostar da noite?”

O olhar da Camilla seguiu o meu de volta para a mesa de xadrez. “Sim, mas é sempre mais interessante com um pouco de competição, não é?”

“Às vezes,” respondi, ainda confuso com a sua beleza e a semelhança com a Mariangela, fazendo com que as minhas palavras vacilassem.

“Está de férias?” Perguntou a Camilla. “Com uma amiga?” Ela acrescentou.

“Sim, é verdade. Estou à procura de inspiração para o meu novo livro,” disse eu.

“É escritor? Sobre o quê?” Ela perguntou.

“Sim. Sobre amor, sexo e espionagem,” revelei.

Bebemos as nossas bebidas, conversando sobre assuntos triviais. De vez em quando, olhava para a Paloma, observando-a à distância. Os seus gestos eram meticulosamente escolhidos para cativar e controlar. O Baumann também não era novato no jogo, o seu olhar sobre a Paloma era agudo e calculista.

Então, de repente, a Camilla disse, “preciso de ir; temos uma festa e preciso mudar de roupa.”

Ao acompanhar a Camilla ao tabuleiro de xadrez, o jogo ainda estava em andamento.

“Boa noite,” ela disse à Paloma, que acenou com um sorriso educado.

“Boa noite,” ecoou a Paloma.

“*Tesoro*, temos de ir. Preciso mudar de roupa,” disse a Camilla ao Baumann. A Camilla tratava o Baumann como “*tesoro*” tal como a Mariangela me tratava. Como tudo isso me afetava.

“Sim, querida,” o Baumann respondeu à Camilla. “Tem estado a registar todos os movimentos nesse livrinho. Por favor, guarde-o. Amanhã, passaremos a tarde no meu iate. Está ancorado em Sa Foradada. Apareçam lá, os dois, a meio da tarde, e continuaremos este jogo.”

A Camilla, olhando diretamente nos meus olhos, disse, “até amanhã.”

A Paloma, de pé com a parte de baixo do seu biquíni roxo em contraste com os seus seios bronzeados ao sol, gesticulava para mim com urgência, batendo no pulso onde um relógio poderia estar.

“Ei, temos de ir,” ela chamou impacientemente.

Tínhamos passado toda a manhã na Cala Llombards, um pedaço de paraíso. O sol brilhava num céu azul sem nuvens, aquecendo a areia branca que se estendia pela enseada. A água, clara e cintilante em tons de turquesa e esmeralda, refletia a luz do sol, criando um espetáculo deslumbrante de cores. As ondas suaves apenas beijavam a costa, convidando-me continuamente a nadar.

Foi durante o meu último mergulho nessas águas cristalinas que notei os gestos urgentes da Paloma.

“Vamos, é quase uma hora e meia de carro até ao hotel,” ela insistiu, de pé na areia, com o mar a acariciar os seus pés descalços, “e ainda preciso de tomar um banho para a reunião com o Baumann.”

“Mas já estás e cheiras incrivelmente bem,” brinquei, inclinandome para cheirar o seu pescoço enquanto saía da água, salpicando algumas gotas do meu cabelo sobre ela. O cheiro do protetor solar misturado com o ar salgado do mar criava uma fragrância fresca e natural que gritava verão—um aroma que eu adorava.

Tínhamos desfrutado de um almoço de praia perfeito—pão integral fresco com queijo Manchego e um punhado de rúcula picante regada com azeite. Devorei um pêssigo suculento e perfumado enquanto a Paloma trincou umas uvas doces e sumarentas.

“Queres alguns palitos de cenoura e pepino que sobraram?” Ela perguntou enquanto passávamos pelo supermercado Mercadona em Campos. “Ou queres parar e comprar algo?”

“Não, vamos continuar. Também preciso de tomar um banho e terminar aquele relatório para a Toscin. Tenho de explicar que o nosso plano de entrar na festa falhou, mas fomos convidados para o iate do Baumann, por isso não precisaremos do barco que a Toscin alugou para nós,” respondi, o olhar perdido na estrada MA-19 à nossa frente. “Mas eu bebia um gole de água.”

Sem dizer uma palavra, a Paloma passou-me a garrafa de água, já destampada. A água estava morna devido ao calor do sol, mas

ainda assim saciou a minha sede. Enquanto bebia, a paisagem passava ao nosso lado—terra avermelha pontilhada de arbustos dispersos, um cenário típico de Maiorca, levando-nos até ao nosso hotel.

O sol da tarde era intenso enquanto lançava reflexos dourados pelo chão de azulejos do nosso quarto de hotel. Eu estava sentado no terraço ao computador, com as teclas a clicarem sob os meus dedos num ritmo constante. A brisa de verão de Maiorca era como um ladrão gentil, levando consigo os restos das manhãs mais frescas. Estava absorvido no meu trabalho, alheio à passagem do tempo, até o som do chuveiro parar. Momentos depois, a Paloma emergiu, com a sua presença a comandar a minha atenção como uma inspiração profunda.

Ela parou na entrada, com a luz do sol a formar uma auréola no seu cabelo escuro.

“Uau! Tudo isso para o Baumann?” Perguntei.

A Paloma girou levemente e o seu vestido branco de linho rodopiou em torno dos seus tornozelos.

“Vou lá para perder no xadrez, mas para ganhar o grande jogo,” ela respondeu. “Gostas dos meus brincos?” Perguntou ela, inclinando ligeiramente a cabeça, com os aros de ouro a captarem o sol numa divertida dança.

“Lindos,” afirmei. “Estás deslumbrante.”

“E este colar de pérolas, é demais?” Ela passou os dedos pelas contas lisas ao seu pescoço enquanto fazia a pergunta, com um arco delicado na sua sobancelha a desafiar a minha honestidade.

“Não. De maneira nenhuma. Dá-te um toque de elegância atemporal,” respondi, bem ciente do jogo de equilíbrio que ela jogava com o seu guarda-roupa—o suficiente para deslumbrar, nunca demasiado para sobrecarregar.

“E tu, nos teus calções de praia?” Ela provocou. “Vamos, vai ser tarde.”

“Vai à frente. Leva o FIAT e eu termino isto, tomo um banho e encontro-te no iate do Baumann,” disse eu, com os dedos a pairarem sobre o teclado, já planeando as últimas frases do meu relatório. “Vou de Vespa. Alugámos uma Vespa fixe e preciso usá-la,” acrescentei com um sorriso.

“Ok. Espero por ti lá,” disse a Paloma.

Ela saiu do quarto com a sua bolsa de palha na mão e as sandálias a baterem um ritmo abafado contra o chão de pedra.

A porta fechou-se com um clique atrás de mim e eu soltei um suspiro. Salvei o meu documento, digitando as últimas palavras como se selasse o meu destino juntamente com as minhas frases. Depois de um banho rápido, troquei os meus calções por algo mais apropriado para o iate, mas menos formal do que um fato. A Vespa esperava-me lá fora.

Ao embarcar, descobri a Paloma no convés, com um tabuleiro de xadrez à sua frente e o seu adversário não era outro senão o próprio Baumann. O sorriso dela era uma curva confiante e os olhos brilhavam como fogo.

“Vais fazer a tua jogada?” Perguntei, inclinando-me para sussurrar.

“Sempre,” ela respondeu, sem tirar os olhos do tabuleiro enquanto movia um bispo com precisão letal.

“Baumann,” cumprimentei-o com um aceno de cabeça.

O Baumann levantou-se da cadeira, apertou a minha mão e disse, “Leilac. Por favor, sintá-se em casa.” Em seguida, voltou ao seu jogo, fixado na batalha que se desenrolava à sua frente.

O jogo desenvolvia-se com a tensão lenta de um predador à espreita, cada movimento medido e preciso.

Sem sinal da Camilla, até que ela emergiu do mar turquesa do Mediterrâneo, subindo na plataforma de mergulho num biquíni branco que contrastava acentuadamente com a sua pele bronzeada. A sua aparição era uma visão marcante contra o pano de fundo das águas azuis de Maiorca. Os olhos verdes da Camilla brilhavam como esmeraldas ao sol e o cabelo loiro salpicado de tons castanhos claros naturais captavam a luz e cintilavam como fios de ouro. O seu corpo era uma obra-prima, esculpido pela natureza e beijado pelo sol, com pernas longas e elegantes que pareciam não ter fim.

Observei, completamente hipnotizado, enquanto ela se movia sem esforço com a graciosidade de uma bailarina. Ela era a imagem da elegância, tão remanescente da Mariangela que fiquei momentaneamente sem palavras. A sua presença era magnética,

como se fosse a rainha daquele palácio flutuante. O iate parecia ter ganho vida com a sua chegada.

“Leilac, bem-vindo a bordo,” disse ela, com uma voz calorosa. “Alguém quer uma bebida?”

O simples ato de ela falar intensificou o feitiço, o encantamento aprofundou-se num testemunho da sua beleza. Naquele momento, com o sol a formar uma auréola ao seu redor e o mar a cintilar no seu rasto, ela tornou-se a epítome do verão em si—radiante, vibrante e irresistivelmente bela.

Parecia que o mundo tinha parado para admirá-la e eu não pude deixar de sentir uma ponta de inveja do Baumann, enquanto simultaneamente sentia a falta da Mariangela. A Camilla era muito mais do que uma parte dessa cena idílica; ela era a joia da coroa, a nota alta na canção da sereia da nossa estadia no Mediterrâneo.

“Estou bem,” respondi.

“Queres uma Aperol Spritz?” Ela ofereceu, com um tom leve.

“Na verdade, prefiro um Negroni,” disse eu.

“E tu, Paloma?” A Camilla voltou a sua atenção para ela.

“Fico pela limonada,” respondeu a Paloma, colocando a mão no copo vazio.

“E tu, Baumann? Um Gin Tónico, certo?” A Camilla perguntou com um sorriso conhecedor.

“Sim, querida, por favor,” respondeu o Baumann, ainda focado no jogo de xadrez.

“Certo, vou prepará-los,” disse a Camilla. “A tripulação está de folga hoje, só voltam amanhã.”

“Eu ajudo-te,” ofereci e fomos para a cozinha.

A Camilla começou a reunir os ingredientes. “Gelo, Campari, Gin, Vermute... mais gelo... Aperol, Prosecco...” ela listou-os, com as mãos a moverem-se habilmente. “Podes cortar uma laranja, por favor?”

“Claro,” respondi, pegando numa laranja e numa faca.

“Pronto. Gin Tónico, o teu Negroni, a minha Spritz... e agora a Limonada,” ela anunciou, depois parou, franzindo a testa para a cesta vazia. “Ficámos sem limões. *Porca miseria.*”

“Posso ir buscar alguns,” ofereci.

“Não há nenhum lugar por perto que venda limões. Terias de levar o barco para terra e conduzir até Deià, fica a cerca de 7 km,” disse ela, sorrindo.

“Vim na minha Vespa e vais precisar de limões para mais do que apenas limonada,” apontei.

“Para a vodka?” Ela brincou. “Estás com uma Vespa?”

“Sim. A Paloma conduziu o carro, mas eu estava atrasado, então peguei na Vespa,” expliquei.

“Certo, vamos buscar os limões, mas vou contigo,” ela decidiu, com um tom que não deixava espaço para argumentos. “Adoro passeios de Vespa. Lembram-me da minha infância. Sabes, sou italiana.”

“Desconfiava,” disse eu, com um sorriso.

“Baumann, aqui está o teu gin. Paloma, se quiseres uma Spritz enquanto esperas pela limonada, aqui tens,” a Camilla ofereceu, colocando as bebidas diante deles. “Vamos buscar limões a Deià,” ela acrescentou.

“Vais mesmo buscar limões só por mim? Não é necessário, fico com a Spritz,” respondeu a Paloma.

“Não, querida, realmente preciso de limões e adoro um passeio de Vespa,” replicou a Camilla.

O Baumann lançou um breve olhar à Camilla, depois voltou a sua atenção para o jogo, como um grande mestre avaliar o seu próximo movimento no tabuleiro de xadrez.

A Camilla vestiu um vestido leve e arejado que estava a repousar numa cadeira, abotoando-o na frente. Calçou as suas sandálias Aquazzura Vilette, com as tiras curvas de lona a formarem recortes subtis.

Chamamos o pequeno barco que nos transportou entre o iate e a terra, depois seguimos para a Vespa. A viagem prometia ser tão emocionante quanto um jogo de xadrez bem jogado, cada movimento calculado, ainda assim repleto da emoção do desconhecido.

O calor da Camilla pressionado contra as minhas costas era a única certeza que tinha naquele momento sobre a minha missão enquanto acelerávamos pelas estradas sinuosas de Maiorca na nossa

Vespa alugada. O sol, um observador implacável, lançava um brilho dourado sobre tudo, os penhascos rochosos de Sa Foradada desvaneciam-se atrás de nós enquanto seguíamos.

De repente, o aperto da Camilla afrouxou. “Pára, pára aqui. Pára,” ela ordenou.

Encostei, com o cascalho a crepitar sob os pneus da Vespa. “Porquê, há algum problema?”

“Não, há uma árvore de limões ali,” disse ela, apontando para uma árvore solitária, vibrante com limões maduros, enraizada desafiadoramente atrás de um muro baixo de pedra num campo árido.

“Queres roubar limões?” Ri-me, descendo da Vespa.

“Porque não? Se ninguém os apanhar, eles simplesmente apodrecerão,” respondeu ela com um brilho brincalhão nos olhos, enquanto balançava a perna para passar por cima do muro.

“Espera, ajudo-te,” ofereci, chegando-me ao lado dela e levantando-a delicadamente pela cintura para ajudá-la a passar o muro.

Uma vez do outro lado, ela correu em direção à árvore de limões com uma alegria infantil.

“Ajuda-me a alcançar aquele limão, podes levantar-me?” Pediu ela, saltitando ligeiramente para apontar para um fruto particularmente luxuriante que pendia fora do alcance.

Envolvi os meus braços novamente em volta da sua cintura esbelta, erguendo-a no ar. Ela esticou-se, com as pontas dos dedos a roçarem a casca do limão. Mas o seu riso repentino desequilibrou-nos e tombamos para trás no abraço suave da terra.

Agora, com a Camilla deitada sobre mim e o céu a enquadrá-la com um halo de luz solar, a nossa risada subiu para um silêncio profundo. Os olhos dela, um espelho do Mediterrâneo, fixaram-se nos meus e eu senti as bordas das nossas separadas existências a desfocarem-se. Ela inclinou-se e os seus lábios tocaram os meus, então o mundo encolheu-se até ao ponto único do beijo dela.

Antes que a lógica pudesse intervir, as nossas roupas tornaram-se casualidades dispersas pelo chão, os nossos corpos fundiram-se, movendo-se com uma urgência que apenas aqueles que já provaram o limite da paixão ardente compreendem. Os limões acima de nós

testemunharam-nos, com o seu aroma cítrico a saturar o sal do nosso suor.

No brilho intenso da tarde, com o sol alto e as sombras curtas, jazíamos no rescaldo, os nossos respirares recuperavam o ritmo. A Camilla apoiou-se num cotovelo, olhando para mim com um sorriso malicioso.

“Leilac, *tesoro*, em que bela confusão nos metemos,” disse ela.

A palavra “*tesoro*” ressoou nos meus ouvidos, novamente, despertando as memórias da Mariangela. Ela também me chamava assim, a sua voz transmitia o mesmo tom carinhoso. Por um momento, o passado e o presente colidiram, e vi o rosto da Mariangela sobreposto ao da Camilla. As memórias eram agrídoces, uma lembrança de um amor perdido e encontrado novamente.

“Sabes, Baumann, o Leilac é escritor. Talvez se inspire no dia de hoje para o seu novo livro,” disse a Camilla com um tom sugestivo enquanto olhava para mim.

Captei o seu olhar e levantei uma sobrancelha, compreendendo o subtexto.

“A inspiração vem dos lugares e pessoas mais inesperados,” respondi. “O dia de hoje pode mesmo ser um capítulo do meu livro, talvez o primeiro de um gambito de peão, considerando o quanto o Baumann e a Paloma adoram xadrez.”

O Baumann virou os seus olhos penetrantes para mim. “A Paloma disse-me que eras consultor de negócios e envolvido em várias ações coletivas para associações de consumidores,” disse ele, com um tom céptico.

Assenti, tomando um gole da minha bebida. “Escritor é uma nova faceta que estou a descobrir, um *hobby*,” expliquei, “porque o que paga a vida que tenho é a consultoria. As ações coletivas são apenas uma forma de fazer o bem, por um mundo melhor e mais justo.”

Os olhos do Baumann estreitaram-se ligeiramente, calculistas.

“Querido, podias financiá-lo. Afinal, tens um fundo, uma empresa, que investe nisso,” interveio a Camilla.

O Baumann sorriu tenuemente, como se considerasse o tabuleiro de xadrez antes de fazer a sua jogada.

“Financiamos mais casos de arbitragens comerciais de alto valor e execuções de dívida soberana,” disse ele, “mas sim, podemos estar interessados. Vamos marcar uma reunião para falares com o Luccas.”

“O Luccas é o braço-direito do meu marido nestas questões,” acrescentou a Camilla.

Foi a primeira vez que ouvi a Camilla referir-se ao Baumann como seu marido. E foi após a nossa tarde tórrida. Poderia isto ser uma mensagem subliminar? Havia algo no seu tom—uma casualidade calculada—que me fez questionar o que ela realmente pretendia. A ambiguidade das suas palavras era perturbadora, quase como se estivesse a jogar uma partida de xadrez onde só ela conhecia as regras.

Enquanto ponderava sobre os possíveis motivos dela, o suave tilintar do gelo contra o vidro do copo interrompeu a minha concentração. O Baumann observava-nos, com uma expressão indecifrável. Teria ele sentido a tensão?

A oferta pairava no ar, um peão potencial movido para a frente, testando as águas. A Paloma, sentada calmamente ao meu lado, colocou a mão na minha perna, um gesto de apoio silencioso. Com esse simples toque, parecia dizer, “missão cumprida.”

2

Limites Legais e Ligações

Lisboa, Portugal

Encostei-me à parede fria do terminal do Aeroporto Humberto Delgado em Lisboa, permitindo que o andar apressado dos viajantes fluísse à minha volta como água a contornar uma pedra. A minha mente, tão inquieta quanto a multidão, desviava-se involuntariamente para pensamentos sobre a Mariangela—cuja memória persistia como o aroma da chuva em terra seca. A clareza da nossa separação ainda me feria, uma ferida perene na minha mente.

Foi naquela noite enganosamente tranquila em Maiorca, no charme rústico do El Olivo, e no dia seguinte a bordo de um iate ancorado contra o pano de fundo de um mar calmo e translúcido, que conheci a Camilla. Um encontro que deveria ter sido apenas uma nota de rodapé nos meus relatórios de missão tornou-se um capítulo à parte. As marcantes semelhanças que ela tinha com a Mariangela estilçaram a compostura das minhas emoções, introduzindo o caos onde antes reinava a razão. Pensar que esta mulher fascinante era casada com o Baumann—de todos os fios emaranhados do destino, este era o mais enredado.

A semelhança dela com a Mariangela era mais do que superficial; era profunda, ressoando com uma intensidade visceral que agitava

os afetos e arrependimentos que eu lutava para enterrar. Cada sorriso da Camilla, cada *nuance* da sua elegância, espelhava o meu amor perdido tão fielmente que ela parecia quase como um espectro envolto na sua forma.

Caminhando pelo terminal lotado, o tabuleiro de xadrez dos meus pensamentos tornava-se cada vez mais complexo com as implicações desta atração não intencionada. A mulher do Baumann, um peão de conflito, estava agora no centro do sucesso ou fracasso da minha missão.

Em Lisboa, a minha tarefa era persuadir o Baumann a financiar um esquema que visava a instabilidade de sociedades cotadas nas bolsas de valores de Londres, Portugal e Espanha. Orquestrado sob o manto de uma associação de consumidores, o financiamento das ações coletivas e a propaganda negativa elaborada contra essas empresas prometiam retornos substanciais para o meu contratante, um titã entre os *hedge funds* mundiais. Este contratante manipulava as volatilidades do mercado com a destreza de um *virtuoso*—mantendo posições curtas em algumas empresas enquanto mantinha longas em outras, configurando assim um tabuleiro de xadrez de arbitragem financeira desenhado para colher fortunas. O meu papel era acender essa turbulência estratégica.

Precisava da validação do Luccas, o assessor jurídico brasileiro do Baumann, cuja aprovação era crucial. A nossa missão, no seu aspecto mais sombrio, era financiada e ricamente recompensada pelo nosso contratante norte-americano, um abutre que voava pelos céus dos mercados financeiros, predando as ruínas das empresas que desmontávamos meticulosamente. No entanto, o capital necessário para sustentar essas ações coletivas não podia ser rastreado até ao nosso benfeitor. O financiamento dessas ações estava sob o olhar atento do escrutínio público—vigiado de perto por tribunais, ministério público e facções opostas com grandes recursos. No entanto, esses adversários, apesar do seu poder financeiro, eram como jogadores novatos num tabuleiro de xadrez, faltando-lhes a nossa *finesse* estratégica na manobra de peões, reis e Napoleões em operações clandestinas. O investimento do Baumann atuaria assim como o nosso biombo e como a nossa fachada de legitimidade.

No constante fluxo de partidas e chegadas, vi-me enredado nos ecos assombrados da Mariangela. Ali, no caos do aeroporto, debati-me com os espectros do nosso passado, ponderando se conseguiria navegar nas correntes perigosas da minha missão, dos meus afetos enredados e das traições que se ocultavam sem perder de vista os verdadeiros desafios. A cada passo pelo terminal lotado, o peso desses fardos aumentava, cada pegada mais pesada que a anterior, carregada com um dilema premente. Percebi que precisava de uma distração, por mais efêmera que fosse, para me proteger contra a presença perturbadora da Camilla e, mais urgentemente, para me libertar das sombras persistentes da minha estória com a Mariangela.

Enquanto percorríamos a pitoresca extensão de Lisboa, o Rodrigo Madrigal Ferreiro—o meu leal advogado e confidente nas batalhas legais e nas operações clandestinas—acompanhou-me até ao Estoril, num desvio para visitar a Natália. As distrações da viagem dissiparam brevemente as ansiedades que tinha desde o aeroporto.

Ao chegar, liguei à Natália; ela desceu a escadaria do prédio com uma elegância que desmentia a simplicidade do nosso conhecimento, saudando-me com um beijo e um forte abraço.

Ela trouxe-me uma pintura do Salvador Dalí, que lhe tinha pedido para guardar—resultado de outra missão minha, ocultada por um leilão de arte simulado. Aquela pintura era o meu pagamento.

Os seus olhos azuis tempestuosos ofereceram uma pausa das minhas conturbações relativamente à Mariangela e o meu perturbador interesse pela Camilla.

Quando me abraçou, o seu toque, leve contra o meu abdómen, e o brilho no seu olhar azul deixaram uma marca nos meus sentidos. A sua presença, serviu como um bálsamo potente para o caos emocional provocado pela Mariangela e pela Camilla.

“Estás fantástico,” ela murmurou, com as suas mãos a traçarem os contornos sobre o meu peito.

Irresistivelmente atraído, retribuí, explorando o tecido suave da sua camisola. Mas à medida que a nossa proximidade roçava a indiscrição ali mesmo na rua, ela hesitou.

“Espera, estamos aqui mesmo na rua, a minha casa é aqui, o meu filho está lá dentro. Os vizinhos...” ela acautelou, com a sua voz a desvanecer-se num sussurro.

Os seus olhos, no entanto, traíram um desejo que ecoava o meu. “Então vamos para dentro,” propus, movido pela vontade de escapar dos olhos do mundo.

Paramos à entrada do prédio, a nossa atração era palpável. No entanto, ela reteve-se. “Querido, o meu filho está a estudar lá dentro; não podemos ir para o meu apartamento.”

“As escadas então,” sugeri, guiando-a para um recanto mais reservado junto à escada.

A pintura do Salvador Dalí, pousada na mesa da portária, serviu como espectador surrealista do nosso encontro audacioso.

No canto isolado da escadaria, os nossos lábios encontraram-se com uma fome que desafiava a razão. Ondas de desejo batiam nas nossas margens, uma tempestade silenciosa a fermentar entre nós. O corpo dela, um navio à deriva no tumulto, respondia com ardente entusiasmo a cada uma das minhas investidas.

Juntei as alças da sua camisola preta ao centro, revelando pela primeira vez os seus seios perfeitos. Eles erguiam-se firmes, montes voluptuosos que comandavam todos os meus desejos.

À medida que nos encaixávamos nos estreitos confins, daquele espaço semioculto, comecei a delicada tarefa de desvendar as suas camadas. Era um despir lento e deliberado, cada dobra caía ao chão como uma pele que se despe, revelando não apenas carne mas as profundezas mais escondidas dela—aquelas partes sobre as quais se sussura, mas que raramente se veem.

“És maravilhosa,” murmurei.

A Natália, ofegante, inclinou a cabeça para encontrar o meu olhar. A sua voz, sedutora, que parecia acariciar a minha pele, respondeu, “e tu, uma tempestade na qual quero perder-me.”

Rendendo-me ao desejo que me consumia, entreguei-me ao prazer de saborear e acariciar a sua pele suave e convidativa. Os meus lábios envolveram os seus mamilos suculentos, lambendo-os e sugando-os com avidez..

“És tão incrivelmente boa,” sussurrei. “Quero tocar cada centímetro de ti, memorizar cada curva, como se fosse o único mapa

de que alguma vez vou precisar.” Os meus dedos, deliberadamente, percorreram a maciez da sua pele, arrancando-lhe um suspiro que preencheu o ar carregado.

A sua mão delicada, mas firme, traçou as linhas das minhas calças, sentindo a dura verdade do meu despertar com uma intimidade audaz. Isso provocou sensações que sacudiram a minha espinha, desencadeando ecos no sótão da minha alma, como se, todo esse tempo, tivéssemos estado a sussurrar segredos num quarto cheio de gente.

“Mostra-me a tempestade,” ela desafiou, o seu toque a acender um fogo que ameaçava consumir-nos a ambos.

Reciprocamente, os meus dedos exploraram as suas profundezas já húmidas, arrancando imediatamente gemidos de êxtase. Encostei-a à parede fria, cuja textura áspera era um contraste com a suavidade da sua pele.

“Quero-te,” declarei, com os meus lábios a poucos centímetros dos dela.

“Então toma-me,” ela respirou, “onde ninguém possa ver, mas todos possam imaginar.”

Guiado por uma determinação inabalável, virei-a e reclamei-a por trás enquanto ela se agarrava ao corrimão da escada. O seu traseiro, firme e perfeitamente arredondado, oferecia um deleite aos meus sentidos, uma perfeição divina de pura sensualidade.

No ritmo perfeito com o andamento acelerado do nosso desejo, penetrei-a profundamente, poderosamente, em que cada estocada era uma rendição ao êxtase que nos consumia. Cada impulso era um *crescendo* de prazer, os nossos corpos entrelaçados numa dança proibida nas escadas de um prédio, onde os limites se desvaneciam e a paixão se inflamava.

Com um movimento rápido, guiei os nossos corpos numa reviravolta, encontrando-me de joelhos entre as suas pernas abertas, como um adorador diante de um altar sagrado. Com a minha língua, provoqueei-a e explorei cada centímetro da sua essência, da sua vagina húmida, molhada, bem molhada, a escorrer, conduzindo-a a um estado indescritível entre o desejo e o medo.

No entanto, o som das portas a abrir-se abruptamente forçou-nos a interromper o nosso deleite fugaz e relutantemente nos separamos.

O meu companheiro de jornada litigiosa esperava impaciente ao lado do carro. A reunião com o Luccas estava quase na hora e ainda levaríamos longos minutos até chegar à Livraria Bertrand do Chiado onde nos tínhamos ficado de encontrar.

Depois de longos 50 minutos, estava a entrar na Bertrand junto como o Rodrigo, onde o Luccas já nos esperava, lá ao fundo, a desfolhar um livro de direito.

O meu telemóvel pessoal vibrou, era uma mensagem da Natália. “Um segundo a mais, tinha-me vindo,” ela provocava-me e instigava-me a um novo e longo encontro. Eu sabia que nos iríamos encontrar novamente, para fodermos longa e loucamente. A luxúria de cada curva daquele corpo reclamava muito mais que uns breves minutos nas escadas escuras de um prédio. A Natália podia ser a distração que eu precisava ou mesmo a pessoa capaz de me fazer expurgar e expiar os meus pensamentos sobre a Mariangela e desejos pela Camilla.

O Rodrigo e eu trocámos um olhar, um código silencioso entre nós antes de voltarmos a nossa atenção para o Luccas. Os seus olhos eram penetrantes, inquisidores, como se tentasse decifrar algo para além das simples palavras.

“Estou a tentar compreender o funcionamento das ações coletivas em Portugal e a aplicação do *Private Enforcement*,” disse o Luccas, fixando-me com o olhar. “Vou levar este livro. Conheço o trabalho destas duas professoras, Carolina Cunha e Maria José Capelo.”

“Olá, Luccas! Boa escolha,” respondi, reconhecendo os nomes. Tanto eu como o Rodrigo estávamos bem familiarizados com os trabalhos de Cunha e Capelo.

A livraria Bertrand, com o seu *puzzle* de estantes e o cheiro a mofo das páginas antigas, parecia o cenário ideal para o nosso encontro. *Thrillers* como “O Colecionador” de Daniel Silva ocupavam um lugar de destaque numa mesa central, uma lembrança subtil da intriga que permeava a nossa conversa.

“Sugiro que caminhemos um pouco,” propus. As conversas em movimento, no meio do bulício da vida e do ruído da cidade, eram mais difíceis de serem captadas por ouvidos alheios. O que tinha a

discutir com o Luccas, embora não comprometedor de forma explícita, ainda poderia pôr em risco a estratégia mais ampla se fosse ouvido.

Caminhámos a um ritmo acelerado, o pavimento irregular de Lisboa ressoava sob os nossos passos. A Bertrand tinha sido apenas o ponto de partida para um diálogo mais complexo. O Rodrigo caminhava ao meu lado, o seu olhar ocasionalmente desviando-se para as montras das lojas, mas a sua atenção nunca vacilava. O nosso caminho levava-nos em direção ao arco da Rua Augusta, a cerca de dez minutos de distância.

As perguntas do Luccas começaram a sondar além do superficial, procurando o núcleo das minhas motivações. “Mas quero saber mais do que apenas o teu currículo,” insistiu. “O que realmente te motiva nestes processos judiciais? Tem de haver mais do que simples ativismo.”

Mantive a minha narrativa com a sinceridade ensaiada. “Não há nada mais do que querer de contribuir para um mundo mais justo,” respondi. “Onde os direitos dos consumidores são defendidos e respeitados.” Os meus anos de ativismo eram um escudo e um testemunho, que permitam ocultar outras verdades.

O Luccas riu-se, sem desviar os olhos dos meus. “Mas sejamos honestos, Leilac. É raro encontrar alguém tão dedicado e sem algum tipo de ganho pessoal. Realmente esperas que eu acredite que não tiras nada disto?”

“Claro que não ganho nada,” disse calmamente, antecipando esta linha de perguntas. “A minha satisfação vem de saber que estou a contribuir para o bem comum.”

Um grupo de turistas passou por nós, o riso e a conversa deles foram uma distração temporária. O Luccas fez uma pausa, estudando o meu rosto. “E os teus outros financiadores? Eles partilham dessa visão nobre?”

“Os outros financiadores,” disse lentamente, escolhendo as palavras com cuidado, “como tu, veem isto como um investimento e procuram retorno. Mas também acreditam, como eu, que a justiça deve ser acessível a todos. É por isso que se envolvem no financiamento de litígios por terceiros em vez de outros investimentos.”

O Luccas acenou com a cabeça, embora o ceticismo ainda permanecesse na sua expressão. “No meu mundo, ninguém faz nada de graça. Todos têm um preço ou um motivo oculto. Qual é o teu?”

A sua pergunta era uma lâmina afiada pronta para perfurar o véu da minha verdadeira identidade. Eu ganhava uma fortuna, mas não pelos meios que ele suspeitava. O meu financiamento vinha de fontes que exigiam total segredo, pagando-me para liderar ações coletivas e propaganda, enquanto mantinha o meu verdadeiro papel oculto.

“O meu único preço,” continuei, “é a paz de espírito de saber que estou a fazer a coisa certa. Que estou do lado certo da história.”

O Luccas sorriu, embora o ceticismo ainda marcasse o seu sorriso. “História, huh? Bem, espero que a tua estória seja tão limpa quanto as tuas intenções afirmam,” disse ele, com um toque de ironia na voz. “Então, como ganhas dinheiro? O que realmente fazes?”

A mente do Luccas era uma tempestade de dúvidas, a sua desconfiança um fio que se apertava com cada uma das minhas palavras.

“Sou consultor de empresas,” respondi, a verdade envolta numa camada de dissimulação. “Lido com comércio e finanças. Fundos de investimento, como os teus, mas focados no mercado de capitais.” Era suficientemente próximo da realidade, mas ainda assim distante para proteger a minha missão.

O nosso diálogo era um jogo de xadrez, cada movimento revelava mais do tabuleiro. Tinha de equilibrar entre partilhar informação suficiente para manter a credibilidade e ocultar detalhes para proteger os meus verdadeiros objetivos.

À medida que o Luccas e o Rodrigo mergulhavam em discussões sobre processos e estratégias, a minha mente, inquieta como um pássaro enjaulado, voava em direção à Camilla. Escondido atrás do manto da conversa deles, planeava a minha abordagem para descobrir o que o Luccas sabia sobre ela, considerando os seus laços próximos com o Baumann.

“Então, Luccas, como é que os teus caminhos se cruzaram com os do Baumann?” Arrisquei, lançando o primeiro seixo em direção à minha verdadeira presa.

“Conheci o Baumann no Mónaco,” começou o Luccas, com um toque de orgulho na voz.

Ele desviou o olhar, focando-se num ponto distante enquanto eu tentava decifrar o subtexto das suas palavras. O Baumann, como muitos bilionários, exercia uma influência que se estendia muito além do horizonte visível.

“E a Camilla? Parece bastante envolvida nos negócios, pelo menos essa foi a minha impressão do nosso encontro em Maiorca,” sondava, velando o meu verdadeiro interesse pela Camilla sob o pretexto de interesse profissional.

“A Camilla é... diferente,” disse o Luccas, a sua cautela mal disfarçava as bordas da minha crescente curiosidade. “Ela tem uma visão para além do ordinário—o Baumann confia nela cegamente.”

O Rodrigo lançou-me um olhar fugaz, uma admoestação silenciosa para ter cuidado. A minha relação com a Camilla era mais profunda do que ele imaginava.

Reconhecia o terreno perigoso que estava a pisar. Envolvimentos passados—com a Chiara e a Mariangela—tinham criado um *puzzle* do diabo, cheio de intrigas e desafios.

“É notável,” comentei, “como alguns casais parecem perfeitamente alinhados. A Camilla parece ser uma mulher excecional, sempre presente ao lado do Baumann.”

O Luccas acenou com a cabeça, o seu foco momentaneamente desviou-se para o fluxo e refluxo da rua. “De facto, às vezes as ideias dela assustam o Baumann. Ela consegue prever resultados que escapam ao resto de nós e manobrar as alavancas necessárias com a destreza de uma marionetista.”

As suas palavras tocaram uma corda. A Camilla—a mulher elegante e vibrante que uma vez se agarrara a mim na traseira da minha Vespa enquanto serpentávamos pelas ruas pitorescas de Maiorca, à procura de comprar limões—que papel desempenhava ela neste emaranhado intrincado que estávamos a desfazer? E mais importante, seria eu apenas um peão nas suas mãos? O meu julgamento estava ofuscado, enredado pelos ecos da Mariangela?

Cada pedaço de informação que o Luccas revelava era uma peça de xadrez movendo-se num grande tabuleiro, ainda que esses movimentos pouco fizessem para iluminar o caminho para a vitória.

Por baixo de tudo, compreendia que o jogo em que estávamos envolvidos estava estratificado de maneiras que eu e o Rodrigo dificilmente poderíamos prever. No coração deste turbilhão estava a Camilla, um farol capaz de iluminar mas também de conduzir contra o desastre.

“Vamos até ao miradouro,” instei, levando-os em direção ao Arco da Rua Augusta, procurando um terreno mais alto tanto literal quanto metaforicamente.

No topo de um dos miradouros mais magníficos de Lisboa, estávamos envoltos pela grandiosidade de estátuas onde a Glória coroa o Génio e o Valor, longe de quaisquer ouvidos curiosos. No cimo da torre do relógio da cidade, falei com franca certeza ao Luccas, “podes ficar descansado; o teu investimento nas nossas ações coletivas não tem risco. O Baumann não tem com que se preocupar.”

“Mas os processos judiciais em Portugal são muito lentos, os tribunais levam muito tempo a decidir e, por vezes, parece que as cartas estão marcadas,” contrapôs o Luccas, o ceticismo era claro na sua voz. “Devemos considerar o custo de oportunidade.”

“Nos nossos casos, só tratamos questões de direito, raramente lidamos com factos controversos. Isso abre caminho para recursos diretos para o Supremo Tribunal de Justiça—o recurso *per saltum*,” expliquei, assegurando clareza na minha resposta. “É verdade que nos tribunais de primeira instância as cartas podem parecer marcadas devido ao elevado número de juizes, é uma possibilidade estatística, mas tal possibilidade é extremamente rara, muito pouco provável, ao nível do Supremo Tribunal,” concluí com confiança.

“Estou familiarizado com o recurso *per saltum* da minha prática no Brasil. Ele salta um nível de jurisdição,” observou o Luccas, fazendo a ponte entre os contextos jurídicos brasileiro e português.

“Além disso, desde dezembro de 2023, a introdução do Decreto-Lei 114-A/2023, particularmente o Artigo 10, permitiu explicitamente o *third-party litigation funding*,” acrescentei para reforçar a sua confiança.

O Luccas acenou com a cabeça, com as suas reservas anteriores visivelmente a amolecerem. “Estou ciente das tuas contribuições para essa legislação e do teu ativismo. Estou impressionado com as

tuas respostas. Deixa-me consultar a minha equipa e advogados em Nova Iorque e transmitirei a minha decisão final ao Baumann,” disse ele, enquanto começávamos a nossa descida para a Rua Augusta. “Estou confiante de que colaboraremos eficazmente.”

A nossa conversa culminou num aperto de mão firme, um símbolo de potenciais futuras alianças. O Luccas então fundiu-se na multidão na Rua Augusta, desaparecendo entre a aglomeração de turistas e vendedores ambulantes.

Com a partida do Luccas, eu e o Rodrigo retomámos a nossa caminhada, o ambiente mais leve, mas ainda carregado com o peso da missão. A brisa trazia a salinidade do Rio Tejo misturada com o doce aroma dos pastéis de nata das padarias próximas. Era um dia marcado pela clareza, quase ironicamente, em contraste com o complexo jogo de xadrez da nossa missão.

“Nova Iorque?” O Rodrigo quebrou o nosso silêncio contemplativo. “Parece que vais ter de gerir várias frentes.”

Assenti, pensando no nosso contratante, o Paul, e as *nuances* estratégicas que se avizinhavam. “Cada movimento deve ser meticulosamente planeado. Isto vai para além dos processos judiciais; trata-se de estratégia global. E há a Paloma em Valência... Espero que ela esteja a reunir os aliados de que precisamos.”

O Rodrigo olhou para o céu, ponderando a escala global da nossa operação. “E o Miquéias Mordomo com as suas teorias da conspiração,” riu-se, abanando com a cabeça divertido antes de uma risada mais genuína escapar.

“Às vezes, as suas teorias aproximam-se perigosamente da realidade. O nosso apoio israelita é essencial e é uma questão de tempo até não podermos mais ocultar o seu envolvimento,” comentei com sobriedade.

O Rodrigo exalou profundamente. “Prefiro nem saber.”

“É um risco calculado,” assegurei-lhe. “Mas lembra-te, Rodrigo, independentemente dos motivos e interesses subjacentes, as nossas ações são fundamentalmente justas e servem o bem público.”

Chegámos ao Lumi Rooftop, um restaurante tranquilo no meio do caos urbano. O restaurante, situado no topo de um edifício histórico, oferecia uma panorâmica deslumbrante de Lisboa, onde elementos antigos e modernos se chocavam numa bela discordância.

Inspirei profundamente, absorvendo a tranquilidade antes de me reimmergir na nossa turbulenta missão.

O Rodrigo acomodou-se numa cadeira e os seus olhos varreram a paisagem urbana abaixo. “E depois de Nova Iorque?” Perguntou-me, acenando ao empregado de mesa por um copo de vinho branco.

“Depois, reagrupamos,” murmurei, com os olhos fixos nos telhados vermelhos da cidade. “Retomamos a construção, lutando e esperando que, no final, ganhemos—que estivemos de facto do lado certo da história.”

“Pelo lado certo da história,” o Rodrigo ecoou, erguendo o seu copo ainda por encher numa saudação à saga que estava para vir e mal ele imaginava o quanto complicada seria.

3

O Escritor de Espionagem

Nova York, Estados Unidos da America

Sob a sombra salpicada de uma árvore antiga num quiosque verde típico das ruas de Lisboa, observava a cidade agitar-se pela manhã. A brisa trazia a promessa de um dia de verão escaldante e o sol aquecia suavemente a minha pele, lançando um encanto luminoso na fachada um pouco desgastada de um edifício coberto de azulejos. Enquanto segurava um café forte e sem açúcar, o meu telemóvel vibrou, cortando a tranquilidade do amanhecer. Era a Toscin.

“Leilac,” a voz dela soou clara e direta, “mudança de planos para a tua viagem a Nova Iorque. O jato privado do Paul está fora de questão. Demasiado visível.”

“Bom dia para ti também,” respondi, com um tom sereno, enquanto observada duas crianças com pequenas mochilas da escola a atravessarem o jardim à minha frente. A sua brincadeira despreocupada, em contraste com as maquinações dos adultos, transportou-me momentaneamente para a inocência da infância. “Então, qual é o plano agora?”

“Vais num voo comercial,” explicou a Toscin. “É menos notório, e temos a cobertura perfeita—uma reunião com um editor sobre o teu novo livro.” Após uma breve pausa, talvez à espera de algum

comentário da minha parte, acrescentou, “desde do *Puzzle do Diabo* que és oficialmente um escritor.”

Sorri, apreciando o véu de ficção que camuflaria os meus movimentos. “O escritor de espionagem a usar o seu próprio *thriller* como fachada. Quase poético.”

“Exatamente. Enquanto todos pensam que estás a discutir as linhas do enredo, estarás a desenhar a estratégia com a equipa jurídica e os gestores de fundos do Paul. As verdadeiras discussões serão sobre manipular mercados, não personagens fictícias.”

“A vida realmente imita a arte,” refleti, deixando o meu olhar vagar pela vista até ao Palácio Galveias, parte do panorama da esplanada.

“Quanto à Paloma,” a Toscin continuou, “ela já está em Valência. A missão dela é convencer outros a juntarem-se à nossa causa.”

“Eles não podem sequer imaginar o nosso verdadeiro objetivo. Mas a aliança deles é interessante—têm dados, estudos sobre o nosso alvo,” observei, absorvendo as complexidades da nossa operação.

“Exatamente,” confirmou a Toscin. “Eles só sabem que estamos contra a concorrência deles em tribunal. Se houver informações relevantes que eles tenham, a Paloma vai extraí-las.”

“Perfeito. E sobre a ‘Ndrangheta? Alguma novidade da Illaria?”

“Estou a tratar disso. A ‘Ndrangheta, obviamente, domina na Colômbia, mas é no tráfico de drogas. Será delicado, mas necessário.”

“É sempre,” murmurei, recordando o meu último encontro com a máfia em Puglia, Itália, e considerando as peças de xadrez que continuavam a mover-se mesmo enquanto falávamos. “Mantém-me informado, Toscin. E cuidado com os rastros que deixamos.”

“Sempre,” ela respondeu, “já tens os documentos da viagem para Nova Iorque no VDR,” e a ligação terminou com a eficiência de quem compreende o peso de cada palavra falada.

Abracei a ironia da minha situação, sorrindo para o vazio. Partiria para Nova Iorque como um emergente escritor de *thrillers* de espionagem, mas o verdadeiro *thriller* estava a escrever-se ali e naquele momento—um verdadeiro gambito de peão. Com o telefone ainda na mão, olhei para o jardim à minha frente, um

tabuleiro de xadrez onde cada movimento exigia um cálculo meticuloso. Era hora de jogar.

À medida que o Airbus A330-900 da TAP Air Portugal subia aos céus de Lisboa, às 17h05, acomodei-me no meu lugar, sentindo o impulso familiar da descolagem enquanto subíamos acima da costa portuguesa, que se estendia sob nós como uma paisagem fractal hipnotizante, com as suas bordas irregulares e enseadas ocultas repetindo-se em escalas cada vez menores. O horizonte cedia a uma vastidão de azul e nuvens enquanto traçávamos o nosso rumo para o Aeroporto John F. Kennedy em Nova Iorque. Com oito horas de voo pela frente, tinha tempo suficiente para me imergir na preparação para as minhas reuniões na cidade que nunca dorme.

O primeiro item na minha agenda era rever a estratégia de negócios para a reunião com a equipa do Paul. Abri o meu *laptop* e comecei a analisar os documentos que delineavam as nossas ações populares, a propaganda planeada, as divulgações do *third-party litigation funding* a serem feitas em tribunal, se necessário, e aquelas fontes de financiamento que nunca poderiam ser divulgadas, mas que sustentavam todas as outras operações clandestinas. Ajustei os pontos chave, simulando mentalmente o diálogo que teríamos, preparando-me para cada objeção e réplica que a equipa do Paul poderia lançar.

Após fortalecer a minha estratégia com a equipa do Paul, voltei a minha atenção para o manuscrito do meu livro que seria discutido com a editora. Revendo o rascunho original ao lado das revisões feitas pelo *ghostwriter* e os retoques finais do editor, notei que, embora polido, o texto retinha a essência das minhas autênticas experiências.

“Talvez eu tenha mesmo jeito para escrever,” refleti, um orgulho bruto a marcar essa reflexão enquanto fazia pequenas edições no documento, como se fosse um escritor de verdade. Era divertido como se poderia incorporar os segredos mais penetrantes num livro, revelar os detalhes minuciosos das estratégias e, mesmo assim, ninguém prestava atenção porque a narrativa tinha o selo de ficção.

Lembrei-me de uma conversa com o Paul Verhoeven sobre um dos meus filmes favoritos e que ele dirigiu, o “Instinto Fatal”. O

Verhoeven contou-me sobre o interrogatório da Catherine Tramell, aquela cena icônica em que ela cruza e descruza as pernas, revelando que não usava roupa interior. Ele explicou-me que, embora tivesse assegurado à Sharon Stone que não a filmariam de forma a que mostrasse a sua vagina, acabou por decidir incluí-la para realçar a natureza enigmática e sedutora da Catherine—uma mulher que utilizava a sua sexualidade como uma ferramenta de manipulação.

Eu argumentei que a manobra mais cativante da Catherine estava noutra lugar. No auge do interrogatório da polícia, ela defendeu calmamente a ideia de que o seu romance—espelhando um crime real—era uma mera coincidência, em vez de uma confissão. Essa declaração tornou-se o seu escudo, sugerindo o absurdo de usar os próprios crimes como material literário. No entanto, esta mesma negação envolveu-a mais profundamente em intrigas, o seu encanto entrelaçado com o mistério, muito como um peão que avança ousadamente num gambito, protegido, ainda que fundamental, com o seu destino por determinar.

Este paradoxo não só envolveu a Catherine em suspeita, mas também a revestiu de uma ambiguidade que permeou o filme. Os espectadores encontraram-se num estado perpétuo de fluxo, avaliando e reavaliando a inocência da Tramell à medida que a história progredia.

Por vezes, sentia-me como a Tramell, no livro que estava a escrever, prestes a apresentar ao editor o primeiro capítulo, passado em Maiorca, detalhando o momento em que conheci a Camilla.

Foi então que os meus pensamentos sobre a Camilla dominaram a maior parte da minha viagem.

Houve aqueles momentos em Maiorca, seguidos pelas observações do Luccas sobre ela—a maneira como as suas ideias às vezes assustavam o Baumann, o seu talento para antecipar resultados e manipular situações com a destreza de uma marionetista. Tudo isso contrastava fortemente com a mulher que eu tinha conhecido em Maiorca. Lembrando-me do nosso passeio de Vespa, do mergulho no mar azul, da maneira despreocupada e radiante como ela se entregava aos momentos, comecei a questionar se tinha subestimado a sua profundidade e astúcia.

A Camilla e a Mariangela, na minha mente, fundiram-se numa fascinante dualidade de semelhanças. Ambas exibiam uma elegância que transcendia o material, uma alegria pelas simplicidades da vida que parecia desafiar as suas fortunas e posições sociais.

À medida que as horas passavam e o avião cortava o céu do Atlântico, essas reflexões tornaram-se quase torturantes, cheias de nostalgia e entrelaçadas numa jornada emocional e física.

Assim que o avião se aproximou de Nova York e a escuridão do espaço aéreo americano envolveu a cabine, fechei o meu *laptop* e permiti-me a alguns momentos de descanso visual, olhando pela janela para o mar de nuvens abaixo. Cada pensamento sobre a Camilla, cada estratégia para o Paul, cada linha do meu livro parecia convergir, preparando-me para os dias intensos que me aguardavam.

Quando as rodas do Airbus finalmente tocaram o solo no Aeroporto John F. Kennedy, uma firme resolução formou-se dentro de mim. Reunindo os meus pertences, preparei-me para desembarcar, pronto para navegar pelas complexidades de Nova York com uma agenda cheia e uma mente a transbordar de pensamentos que haviam cruzado oceanos. O jogo do poder estava prestes a começar e eu estava mais do que pronto para fazer minha jogada.

As luzes fluorescentes do terminal JFK emitiam um zumbido impessoal e incessante—um forte contraste com o brilho suave e reconfortante do pôr do sol de Lisboa, agora relegado à memória. Eu, com *jet lag* e desorientado, caminhando pela multidão com a inevitabilidade cansada de um homem que havia cruzado fusos horários, mas ainda não havia pousado neles mentalmente. Os meus olhos, vermelhos de tantas horas sem dormir, examinavam o mar de rostos desconhecidos, procurando algo que parecesse familiar naquele estranho *tableau*.

Lá fora, um carro preto deslizou até ao passeio como se fosse um predador, as suas janelas escuras, protegiam o seu interior dos olhos curiosos da cidade. O motorista, de uniforme e distante, segurava uma placa com meu nome, “LEILAC LEAMAS,” em letras grandes. Tinha sido tudo organizado pela Toscin—à distância, mas

precisa. Com um aceno curto com a cabeça, entreguei a minha Samsonite bem viajada para ser guardada no porta-malas.

Dentro do carro, o caos de Nova York era mantido à distância por vidro e metal. O veículo deslizava pelas ruas, uma ilha de calma no frenesim noturno da cidade. Afundei-me no couro macio, deixando a exaustão permear o meu ser enquanto os arranha-céus e as luzes de *neon* passavam como borrões. Este era um reino de contrastes nítidos—arquitetura vertiginosa e movimento incessante, muito longe das ruas de paralelepípedos e fachadas de azulejos de Lisboa.

O Public Hotel logo surgiu no horizonte, a sua fachada era uma declaração minimalista em cimento e vidro que falava de um luxo discreto e uma frugalidade elegante.

Criado por Ian Schrager, o homem por trás do caos e *glamour* do Studio 54, ele ligou-me a um pedaço da história cultural—um tempo de decadência e disrupção—oferecendo-me um fio tênue de continuidade na minha vida desarticulada.

Subindo o amplo lance de escadas que levava à entrada do hotel, cada degrau iluminado por uma luz suave que parecia emanar de dentro, senti o peso da fadiga arrastar os meus membros. O clique rítmico dos meus sapatos no cimento polido marcava o meu lento progresso pela noite, como um rei solitário movendo-se metodicamente por um tabuleiro de xadrez.

Dentro, os corredores do hotel estendiam-se longos e silenciosos, a carpete macia abafava os meus passos enquanto eu caminhava para o meu quarto. Ali, naquele refúgio temporário das complexidades da minha existência, eu poderia permitir-me a um momento de descanso. A energia vibrante da cidade esperava lá fora, um pano de fundo silenciado pela minha necessidade de sossego.

No meu quarto, a simplicidade reinava—linhas limpas e iluminação suave criavam um espaço projetado não para oprimir, mas para acalmar. Ignorei a tentação de pedir comida, com o meu corpo muito exausto para apreciar qualquer coisa depois da refeição sem graça servida no avião. Em vez disso, procurei os confortos imediatos de um banho quente que lavou a viagem da minha pele, um alívio profundo e massajador para meus músculos tensos.

Finalmente, a cama acenou-me—uma extensão de lençóis frescos e almofadas macias parecia a visão mais convidativa depois das longas horas em trânsito. Cedi à exaustão, o meu corpo afundou-se no colchão, com a minha mente a desenrolar os fios firmemente enrolados de toda a confusão e da imagem permanente da Camilla.

Enquanto o sono me dominava, era com o conhecimento de que o amanhã exigiria muito, mas por agora, eu deixava-me levar pelo raro luxo da quietude, com as minhas batalhas temporariamente suspensas.

O nascer do sol invadiu o meu pequeno quarto no Public Hotel, com os seus raios implacáveis a infiltrarem-se pela parede de vidro ao lado da minha cama. Daquele ponto elevado, o jardim espalhava-se abaixo, um suspiro verde no bulício matinal da cidade.

Levantando-me sem demora, fiz algumas flexões invertidas, com os pés apoiados na pequena mesa do quarto, desfazendo os nós de um voo longo nos cordões musculares que sustentavam o meu físico.

Ao sair do chuveiro, senti uma sensação de renascimento, uma renovação que contrastava fortemente com o espaço apertado, embora impecável, da casa de banho. O pequeno espaço prendia-me, mas foi a água que me libertou.

Desci à rua para um passeio sereno, alcançando o Good Thanks Café na Orchard Street em apenas dez minutos. O café acolheu-me, banhado numa luz que animava todo o espaço com um brilho suave e luminoso.

No balcão, fiz o pedido, “um café e uma taça com banana, ananás, leite de aveia, spirulina, kiwi, coco, mirtilos, morango e granola, por favor.”

O sorriso do empregado apareceu, divertido pela especificidade. “Claro, é para já. É uma combinação energética para começar o dia,” comentou, com as vogais a soarem a outro país.

“O seu sotaque não é local,” notei, atraído pela entoação desconhecida.

“Bom ouvido,” riu-se, “Australiano.”

“Australia! Deve ser uma mudança e tanto, trocar esse clima pelo de Nova Iorque,” brinquei, utilizando uma expressão australiana, “mas, como sempre, *no worries, mate*, certo?”

O seu sorriso alargou-se. “Exatamente, *mate*. *No worries at all*. Dia perfeito para um café,” gesticulou para aquele espaço banhado pelo sol.

Enquanto aguardava o meu pequeno-almoço eclético, vestido com um fato azul-escuro e uns impecáveis sapatos italianos da Bocache & Salvucci, contemplei o dia que se avizinhava. A luz do sol que atravessava as amplas janelas do café prometia horas bem interessantes.

Ao sair do café, o ar vibrante de Nova Iorque envolveu-me como as páginas de um romance bem folheado. Optei por um Uber, renunciando ao motorista que me tinha trazido do aeroporto, um pequeno ato de dissimulação da minha parte. O meu dedo, deliberadamente, selecionou o Central Park no ecrã do telefone—todo o cuidado era pouco. O rastro digital devia ser evitado a todo custo.

Ao chegar, o parque ofereceu-me um breve alívio. Os esquilos, na sua incessante correria, proporcionavam uma forma inesperada de meditação. Mas o tempo avançava e, pouco depois, dirigi-me para o imponente monólito de vidro que abrigava a empresa do Paul. Em Nova Iorque, a grandiosidade não é apenas esperada; é exigida.

Ativei o meu telefone, liguei para a Toscin, a arquiteta por trás do preciso agendamento dos meus dias. “Cheguei,” anunciei. O sol refletia-se na fachada de vidro do edifício como se fosse um *pin* no mapa.

“Como foi a viagem, Leilac?” A voz da Toscin chegou.

“Nova Iorque recebe-me com calor, 21 °C,” respondi, ajustando-me ao ritmo da cidade e ao seu inesperado calor de 70 °F.

“21 °C e tão cedo,” notou calmamente. “Espera à entrada. Vais ser rapidamente recebido.”

Um pouco depois, uma figura aproximou-se—um homem vestido com as severas linhas de um fato preto e camisa branca, a gravata uma faixa escura contra a brancura engomada. “Leilac Leamas?” A sua voz era baixa, modulada, mas eficiente.

“Sim, sou eu.”